

# A promoção da atividade física na escola: um difícil e necessário desafio

**Mathias Roberto Loch**

Universidade Estadual de Londrina-  
Departamento de Educação Física

## Endereço para Correspondência

**Mathias Roberto Loch**

Universidade Estadual de Londrina-  
Departamento de Educação Física  
Campus Universitário, Rodovia Celso Garcia  
Cid | Pr 445 Km 380,  
Caixa Postal 6001  
CEP: 86051-990  
Londrina, Paraná, Brasil  
email: mathias@uel.br

Pertinente o tema e a chamada à ação feita pelo editor no número 15, n. 2 (2010)<sup>1</sup>, que considera ser a hora da promoção da atividade física chegar à escola. Concordo que o momento é de comemoração, pois a atividade física está em um importante processo de consolidação na Atenção Primária, bem como evidências atuais sugerem que a população está mais ativa, e que parte desse quadro, deve-se às diferentes intervenções propostas nos últimos anos. Por outro lado, quero ainda contribuir com uma hipótese para o aumento do nível de atividade física (hipótese difícil de ser testada, e que possivelmente será uma variável de confusão na maior parte dos trabalhos). Vamos lá:

- 1 – Sabe-se que sujeitos com melhores condições sociais e econômicas são mais ativos (pelo menos no lazer, que é onde teoricamente tem-se maior poder de escolha);
- 2- Nos últimos anos a maior parte dos brasileiros melhorou sua condição social e econômica.

Dadas estas duas observações, penso ser plausível que muitos se tornaram ativos fisicamente simplesmente porque passaram a ter melhor condição para isso (impossível não mencionar o conceito – ainda pouco explorado na área – de empoderamento).

Voltemos ao tema central da carta: deixo claro que não considero ser suficiente o “otimismo da vontade” (apesar de este ser pré-requisito), para que a promoção da atividade física e da saúde de fato chegue à escola. Além do mais, vale a lembrança que a saúde deve ser UM dos objetivos da Educação Física (EF) na escola (e não o único), bem como o objeto saúde, dada a sua complexidade, não pode ser abordada por uma única disciplina ou área do conhecimento, já que saúde é uma área multiprofissional, e precisa ser tratada como tal.

Não tenho dúvida que a maior parte dos profissionais e dos alunos, usa em seu discurso para justificar a presença da EF escolar, a categoria “saúde”. Ao mesmo tempo, não é necessário ser um grande conhecedor para saber que muitos fazem uso de um discurso simplista e por vezes ingênuo (muitas vezes baseados em jargões do tipo: “esporte é saúde”, ou tratando saúde meramente como uma questão individual). O que quero dizer é que a maioria ainda está longe de se apropriar do ideário da promoção da saúde e do discurso da saúde coletiva, e acaba limitando sua prática (quando muito) ao enfoque da aptidão física.

Nesse sentido, considero que a inevitável e necessária divisão licenciatura e bacharelado (entre os diversos motivos para tal cito dois: o aumento nas possibilidades de intervenção fora do contexto escolar e a complexidade das concepções pedagógicas), tende a ser um problema, pois distanciou da formação o discurso da saúde da escola, havendo de um lado muitos professores sem interesse, ou mesmo com rejeição, ao tema saúde, na formação do licenciado; e do outro, professores pouco preocupados com esta questão, na formação dos bacharéis. Os primeiros parecem negar que há a necessidade de pedagogizar conteúdos relacionados à atividade física e saúde nas aulas de EF. Os segundos esquecem que a atuação do bacharel em EF depende em parte da EF escolar, pois se esta não formar pessoas com atitudes positivas em relação à prática de atividade física, bem como críticas a ponto de identificar as práticas *charlatônicas* presentes, por exemplo, em algumas revistas temáticas (que prometem saúde e o “corpo perfeito” em poucos dias ou semanas), pouco restará para atuação dos bacharéis.

Desse modo, reitero que concordo com o editor quanto à necessidade de aproximação da promoção da atividade física e a escola. Entretanto, considero que vários desafios se fazem presentes. Entre os quais destaco: a) que os profissionais comprometidos com a atividade física e saúde não abandonem os cursos de licenciatura; b) que as intervenções não esqueçam de buscar a capacitação dos profissionais da escola – incluindo, mas não se limitando, aos professores de Educação Física; c) Que compreendam o conceito de empoderamento e evitem

- Recebido: 24/10/2010
- Aceito: 26/10/2010

discursos e práticas “moralistas” (do tipo “não pode isso”, “faça isso”, “isso é certo”, “isso é errado”...); d) estudem o Projeto Político Pedagógico das instituições, e busquem compreender as concepções pedagógicas presentes em cada ambiente escolar e) que a aproximação dos acadêmicos não se dê “de cima para baixo”, e que ambos os lados se aproximem de modo à diminuir a histórica distância entre o mundo acadêmico e a prática profissional em Educação Física; f) que os profissionais estejam comprometidos com a melhoria do ensino básico no

Brasil.

Certamente tantos outros desafios poderiam ser destacados. De qualquer modo, é hora de aproveitarmos o bom momento e aceitarmos grandes desafios!

## REFERÊNCIA

1. Hallal, PC. Promoção da atividade física no Brasil: chegou a hora da escola. Rev Bras Ativ Fis Saúde; 2010; 15:76-77.